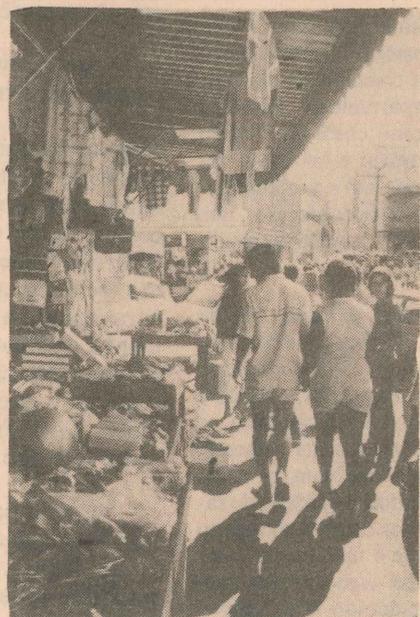


# Vila Rubim quer melhorar o comércio e a segurança

Fotos de Nestor Muller



**Antes o mais importante centro de comércio da capital, a Vila Rubim, hoje, reivindica maior segurança, devido aos assaltos na região. Os comerciantes também reclamam da concorrência dos ambulantes e dos prejuízos com a diversificação de produtos nos galpões do mercado.**

A Associação dos Comerciantes do Mercado da Vila Rubim está passando um abaixo-assinado entre os comerciantes, pedindo maior policiamento no local, que será entregue ao novo secretário de Segurança, Paulo Sérgio Reis. A Associação se reuniu na sexta-feira e constatou que o número de menores assaltantes que atua na região tem aumentado a cada dia. Mas este é apenas um dos problemas enfrentados.

A concorrência do comércio instalado nas ruas próximas tem levado a uma queda das vendas dentro do mercado. Por outro lado, o aumento da diversificação de produtos vendidos ali não tem agradado a muitos comerciantes de hortifrutigranjeiros, para os quais os galpões foram construídos inicialmente.

“Nós estamos sempre dando queixas na polícia de assaltos cometidos por menores e até hoje o problema não foi resolvido, muito pelo contrário, tem crescido”. Há quinze dias, por exemplo, o galpão dois foi assaltado, e todos os dias acontecem pequenos furtos”. Esta é a declaração de Aristides Constantinidis, presidente da Associação desde julho de 86.

A afirmação de Aristides reflete o pensamento comum dos outros comerciantes. A maioria deles já sentiu o problema pessoalmente, mas reconhecem que a situação não se restringe ao local e sim é um problema de toda a cidade. É o caso do funcionário da Casa Tomasini, Magalhães dos Santos, que credita o problema à falta de organização da própria associação.

Mas nem todos têm a mesma opinião. Izaú Vitor de Souza, proprietário da Sandra e Cilda Confeções, não concorda que a marginalização tenha aumentado. Para ele, o maior problema é com relação à concorrência externa, que atingirá principalmente os comerciantes de hortifrutigranjeiros.

## Diminuição dos lucros

Há alguns anos o comércio de hortifrutigranjeiros tem se expandido para além dos limites do mercado. Por todas as ruas podem ser encontradas bancas vendendo de tudo, de folhas e ervas até produtos industrializados. Jonas Cândido Ferreira, trabalhando há 10 anos ali, aposta que as vendas já caíram em pelo menos 60%. “Nós temos uma freguesia certa, inclusive, o lucro não é tão ruim, mas, mesmo assim, a concorrência das redondezas e dos quilões que atualmente existem na cidade tem nos prejudicado muito”, diz ele.

Marlete Vieira Borges, dona de uma confecção, concorda com Cândido e acrescenta ainda, como fator que propicia o afastamento de mais fregueses, a “desorganização física” do local. Marlete acha que o mercado precisaria sofrer uma reforma, que padronizasse as bancas, e houvesse uma melhor distribuição dos produtos por galpões.

O mercado da Vila Rubim tem três galpões, sendo que a divisão dos artigos vendidos é feita da seguinte forma: no primeiro galpão são comercializados calçados e confecções; no segundo, confecções, calçados e hortifrutigranjeiros, e no terceiro apenas hortifrutigranjeiros, totalizando cerca de 300 boxes, e que são pagos pelos comerciantes à associação mensalmente pelo valor simbólico de Cz\$ 50,00.

## Diversificação polêmica

Construído em 1969, para atender somente aos comerciantes hortifrutigranjeiros, o mercado possui hoje todos os tipos de artigos (condimentos, artigos de umbanda, brinquedos, utilidades domésticas, etc). Esta diversificação, contudo, não agrada alguns comerciantes. Aristides, por exemplo, lembra muito bem de como era o mercado logo que foi inaugurado.

“Eu tenho comércio aqui antes de mesmo existirem os galpões. Quando foi construído e estava sob a responsabilidade do Estado não houve problemas, mas depois que passou para a prefeitura a situação perdeu o controle”, afirma Aristides. Segundo ele, a prefeitura incentivou a exploração comercial do local e acabou descaracterizando o mercado e consequentemente a ocupação de grandes espaços por apenas um proprietário.

A visão de Aristides, porém, é contestada pelos comerciantes especializados na venda de produtos industrializados. Marlete pensa que a diversificação é boa porque aumenta as alternativas para os consumidores e exemplifica: “Às vezes uma pessoa vem aqui comprar um tipo de produto, mas vendo outros artigos termina levando mais coisas”.

## Freguesia fiel

Mesmo com todos os problemas existentes, o mercado até hoje mantém uma freguesia fiel, chegando, inclusive, algumas bancas, a atender a domicílio. É o caso da banca do Dário, que possui oito freguesas, que compram as verduras e frutas pelo telefone. Funcio-

nário da banca, Jonas Cândido explica que o serviço domiciliar já foi maior, no entrato, o trabalho estava ficando muito pesado, pois a entrega era feita após chegar a banca, e por isso eles agora só atendem na região da Capixaba.

Um dos fregueses de Dário, que preferiu não ser identificado, assegurou que compra ali há 14 anos. Segundo ele, o pagamento é feito quinzenalmente, e nunca recebeu, em casa, frutas estragadas ou de má qualidade. “A mercadoria daqui tem 100% de qualidade”, diz ele. Na sua opinião, o que falta ao mercado é um serviço de limpeza melhor e maior vigilância no local.

Maria Amélia Carvalho, dona-de-casa, também faz feira ali há mais de 10 anos. Amélia não tem uma banca específica onde compra, mais sim duas ou três que sempre procura. Amélia acha que o melhor seria fazer uma reforma no mercado, pois, no seu entender, “atualmente está muito bagunçado”.

É justamente em meio ao tumulto e assédio dos vendedores que os consumidores circulam. Quem entra no mercado é constantemente abordado por um vendedor oferecendo melhores vantagens. Os pequenos becos, cada vez mais vão ficando estreitos por causa da quantidade de artigos vendidos, que ficam espalhados por todos os locais. Quem compra ali, sabe que não precisa se preocupar muito com a qualidade, mas nunca deixa de dar uma pechinçada.

Desde que foi inaugurado o mercado da Vila Rubim já esteve sob a responsabilidade da Secretaria de Estado da Agricultura, da Prefeitura de Vitória e da Central de Abastecimentos, Ceasa. Atualmente é gerido pela própria associação. Conforme Aristides, a entidade conta com quatro vigias, dois varredores, uma secretária, um guarda-livros e mais os advogados. A sede fica no local e sempre que a diretoria acha necessário são realizadas assembléias. O comparecimento, no entanto é sempre pequeno. Quanto à receita o presidente diz não ser grande, mas suficiente para manter um serviço razoável.

Mesmo assim, não faltam críticas ao trabalho da associação, que já foi acusada de beneficiar os maiores comerciantes. Um proprietário de confecção, que não quis se identificar, denuncia que a associação está deixando o mercado abandonado. “Infelizmente, o Aristides não tem feito nada por nós, e pela atitude dele parece que quer apenas aparecer”. Também pedindo que seu nome fosse omitido, um comerciante declarou que a diretoria não sabe dirigir o mercado e que Aristides não sabe como atuar, aumentando a desorganização.